

Uma conversa com

GILBERTO GIL



RAÇA HUMANA

No arrocho da sufocante hora H, a felicidade de se recorrer à música de Gil.

Por um triz e eis que somos resgatados por este AGENTE DE DESCARETIZAÇÃO NACIONAL.

Em toda, qualquer parte onde aparece Gilberto Gil e sua máquina de provocar prazer, seu cibernético PRAZERÔMETRO, o peso da caretice é, programadamente, dissolvido.

É o negro que varre a sujeira no super-balanço de uma genuína OPERAÇÃO LIMPEZA.

Aqui, firmo e dou fé acerca das propriedades balsâmicas, milagrosas, milagreiras da massa sonoro-gasosa deste atual e arquetípico "RAÇA HUMANA".

Como vocês estão percebendo, sou um devoto deste beato - não sou da banda, mas sou do bando de Gilberto Gil - e estou, deliberadamente, profanando as normas costumeiras, as regras corriqueiras de redação do press-release convencional, introduzindo elementos que melhor caberiam num panegírico, ou seja, num escrito sobre a vida dalgum santo prodigioso. Essa, já é demais: atribuir santidade a um soldado assumido, tipo operário-padrão de uma multi, um ca-beça de ponte do techno-pop, uma PESSOA NEFASTA, um redentor do lixo sub-cultural.

Poi é. GEGÊ é um santo, um comediante e um mártir.

Qual o segredo atual da culinária gilberteana?

Canções que manipulam, eficazmente, os sentimentos da entidade "homem comum", canções que pegam pelo pé a pessoa comum e a pessoa rara, canções que cantam os sentimentos que estão na soleira, no limiar da consciência de qualquer ser da RAÇA HUMANA, canções SUB-LIMINARES; letras diretas-já, frontais, letras-porradas, brutalistas, despidas de quaisquer rebuscadas firulas de estilo, sem dou

raçens poeticantes, "eu entraria sem você me ver", que driblam meca-
nismos de segurança INTERNOS e EXTERNOS, sem desvios sublimadores '
enfim, o conceito preciso é que são letras SUB-LIMINARES.

"A raça humana é uma semana de trabalho de Deus". Axioma
conciso de uma metafísica minimalista.

Fortes temperos e diversificados ingredientes, num calde-
irão sem pejo nacionalistóides, compondo um consistente projeto de '
superação das obsoletas barreiras localistas, mas, com a visível tar-
jeta "MADE IN BRAZIL" ou JAMAICA, para circular por todo o planeta.

A saudade do gênesis e a ambição de uma grande síntese. E
o sonho de Adão primitivo, bem casado com a avançada Eva-tecnologia.

O release é um elogio encomendado e comprado por uma gra-
vadora e maquiado com o blush da isenção e objetividade valorativas.
Mas eu, aqui no balanque, tomo partido e a minha faixa favorita é ,
sem sombra de dúvida, o rockão esperto "Feliz por um triz" que come-
ça com a vandálica bateria de Pedrinho Gil e é na muleca fala de es-
túdio, do próprio Gil, uma "cópia escancarada do Barão Vermelho".

Cada qual escolhe sua canção favorita, pois Gilberto Gil é
excelente pra tosse e corta todo som-xarope. Gil é o anti-xarope, Gil
é o anti-bromil do Brasil.

Vamos fugir com ele, coladinho ao ouvido e livre das denta-
das do mundo.

Repetindo:

GIL É O ANTI - XAROPE

GIL É O ANTI - XAROPE

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1984.

Wally Salomão

1 Esta edição é limitada para imprensa, rádio e televisão.

2 Esta entrevista foi gravada no dia 17 de setembro de 1984, no Rio de Janeiro.
3 Foi montada para fita K-7 por Chico Neves, transcrita para o papel por
4 Elda Nogueira, copidescada por Sandra Secchin e Cecília Assef e datilografada por Sandra Secchin.

5
6 Meu nome é Cecília Assef. Nasci no dia 31/10/56, às 6 horas da
7 manhã, em Vitória, no Estado do Espírito Santo, no bairro da Glória! (ah,
8 ah, ah).

9 Fui uma velhinha; filha de família de 6 filhos, pais pobres e ob
10 sessivos.

11 Hoje, sou absolutamente histérica, uma gata, que vive com um su
12 per-gato/re-produtor, que tem uma velhinha de um ano.

13 Quando fiz essa entrevista fui, rigorosamente, egoísta e pensei
14 mesmo em colocar questões que me interessam, pra pessoas que eu acho inte
15 ressantes.

16 Fiz o melhor que pude. E, certamente, poderia ter ficado muito me
17 lhor, mas fiquei tensa todo o tempo, apesar de já ter tido algumas con
18 versas legais com Gil. O acesso a ele nunca me foi muito difícil, mas, em
19 nenhum momento, eu senti a mais remota sensação de intimidade. Senti um
20 pouco de medo e algum conforto. Foi um prazer!

P.S.: Impossível, pra mim, editar essa entrevista. Fica a vosso critério.

Em todo caso, desculpem a maçaroca.

1 CECILIA ASSEF - Gil, a cada ano que passa, parece que você fica mais em
2 polgado na feitura do seu trabalho. É como se, a cada ano, você fizesse
3 um ano a menos. Qual é a receita desse elixir da juventude?

4 GILBERTO GIL - Bem, é...depende de como é visto fazer o trabalho. Eu a-
5 cho que, pra responder à primeira parte da pergunta, que é a afirmação
6 que você faz de que, a cada ano, eu pareço mais entusiasmado com o tra-
7 balho...eu disse depende, porque há várias maneiras de se trabalhar. Eu
8 tenho tido, durante a minha vida, várias maneiras de trabalhar e, sempr
9 e, um pouco em função das condições, da situação, do status da época, do
10 padrão da época, do "modus operandi" da época. E, nos últimos anos, tal
11 vez eu ache que o modo de se trabalhar ficou, de uma certa forma, mais
12 interessante, ou mais parecido comigo, ou mais de acordo com o meu tipo
13 de desempenho, de energia e essa coisa toda.

14 O estúdio, por exemplo, a maneira de trabalhar em estúdio foi ficando m
15 elhor nos últimos anos, foi ficando mais interessante, mais curiosa, co
16 m essa coisa toda de música eletrônica, com desenvolvimento tecnológico
17 e a necessidade de adaptação a tudo isso. Isso tudo me pareceu fazer co
18 m que a coisa ficasse mais interessante. Do ponto de vista de shows e es
19 se outro lado, também, toda uma coisa que no Brasil, de repente, surgiu
20 das empresas estarem mais equipadas, as empresas de luz, de som, as ca-

1 sas de espetáculo e também o público, que seria um terceiro fator, vamo
2 s dizer, a cultura brasileira, a cultura pop no Brasil, a coisa de, es-
3 pecialmente, a música popular ganhou todo um público bem mais jovem, ma
4 is interessado. A média de idade das pessoas interessadas em música, das
5 pessoas participantes em música, em shows, espetáculos, compra de disco
6 s, tudo isso, é uma média bem mais baixa, hoje, em termos de idade e be
7 m mais alta em termos assim de entusiasmo, de energia e de sacação mes-
8 mo, de inteligência. Enfim, no sentido geral, o Brasil melhorou muito n
9 os últimos 10 anos, pelo menos nos últimos 5 anos, definitivamente. E i
10 sso me dá mais prazer, sei lá, me dá mais alegria, mais energia.

11 CECILIA - Ok. Quais os fatos que mexeram com você e fizeram com que es-
12 se trabalho fosse esboçado e realizado dessa maneira? O "Raça Humana".

13 GIL - Ah, esse disco...A "Raça Humana" é um disco que, o repertório de-
14 le é um repertório nascido do esforço mesmo, da premência, da obrigato-
15 riedade de ter um trabalho e, dentro disso tudo, de uma exigência de ca-
16 pacidade de desempenho como compositor, como realizador de canções e co-
17 mo fazedor de discos. Quer dizer, eu tenho...eu vinha de 2, 3, 4 último
18 s anos problemáticos em termos de criação, ou seja, onde a criação era
19 sempre um dado muito torturante, muito preocupante pra mim. Eu me lembr
20 o de "Um Banda Um", mesmo o "Extra", é...já desde o "Luar", eu passava

1 os anos, as épocas de gravar, as épocas pré-gravação, muito chateado, a-

2 borrecido, é...abatido, mesmo, e até deprimido com a insatisfação causa

3 da pela falta de músicas ou pelo não surgimento de canções ao nível do

4 que eu imaginava que elas deveriam ser e etc, etc, esse tipo de coisa.

5 Enfim, essa angústia típica, característica dos criadores e tal, essa

6 insatisfação que dizem todos os artistas ser uma coisa típica da própr

7 ia arte. Mas, esse ano, eu não tive muito essa coisa não. Aí, volta aq

8 uela questão do estar atarefado, tão absorvido pelo trabalho, quer diz

9 er, tão submetido às agendas e ao ritmo de trabalho, que eu não tinha

10 nem tempo, nem muita condição de ficar me preocupando, com essa coisa

11 de angústia, e eu tive que ir criando meio...tive que ir fazendo, achar

12 do as minhas canções um dia aqui, outro dia ali, achando os temas um di

13 a ali, outro dia aqui, meio com essa coisa...como essa tarefa que a se-

14 cretária, que tem que bater um relatório de repente, como o operário,

15 que tem que entregar uma máquina montada ou alguma coisa desse tipo. Eu

16 venho relacionando muito minha criação, ultimamente, a um sentido muito

17 operarial, assim...

18 CECILIA - Agora, teve alguma coisa que você viu, algum filme, algum sho

19 w, alguma coisa que te agulhou a um nível de você dizer assim - não, eu

20 tenho que fazer uma coisa que te desse assim muito tesão, que fosse mui

1 to boa?

2 GIL - Humm...eu, não...não sei não...a única coisa assim, que talvez te
3 nha, não necessariamente me dado assim um ímpeto definitivo ou um entu-
4 siasmo muito forte para criar, especificamente, tal ou qual canção, ou
5 tal tema ou isso, não teve nada assim, mas uma coisa que me reconstitu-
6 iu muito, muito, muito, muito do tecido artístico, a sensibilidade, a v
7 ontade, não a nível consciente, mas a vontade profunda, inconsciente, d
8 e criar, de fazer música, de tudo, de expressar, de se expressar poeti-
9 camente, artisticamente, foi o filme do Felini, o "E La Nave Va...", fo
10 i a coisa, talvez a coisa mais importante que eu tenha visto, nos últi-
11 mos anos, porque eu vejo muito pouca coisa.

12 CECILIA - Por que "Raça Humana"? O que que você quer dizer com isso?

13 GIL - Eu...não...depois que eu cunhei o título, foi que eu tentei, em t
14 ermos de repertório geral do disco, imaginar uma coerência, imaginar um
15 fio, um traço de união, um fio que ligasse tudo, porque antes não tinha
16 e, hoje, gozado, se eu olhar o repertório do disco, hoje, parece até qu
17 e o título "Raça Humana" pode ter se esparramado pelo sentimento de qua
18 se todas as canções, mas isso não havia antes de surgir a própria cançã
19 o chamada "Raça Humana", que surgiu por causa de um flash, um desses fl
20 ashes que a gente tem na cama, quando a gente tá acordado de noite, na

1 escuridão. Flashes poéticos que surgem, como tantos outros. Um dia sur-
2 giu um flash, há uns dois, três meses atrás, surgiu na minha cabeça, eu
3 acordado de noite, sem dormir, pensando na vida, em mim, ser humano, co-
4 nsciência, todas essas coisas e aí veio a idéia de "Raça Humana" e a i-
5 deia religiosa, também, o sentimento profundo dos fios de sustentação d
6 a existência, essa coisa que é sempre um tema muito nítido e muito pre-
7 sente na minha vida. E me veio esse verso: "A raça humana é uma semana
8 do trabalho de Deus"...era, exatamente, o sentimento dessa pequenez, de
9 ssa fragilidade que essa grandeza toda, humana, paradoxalmente, represe-
10 nta, quer dizer, esse mistério tão imenso, tão grande, é, ao mesmo tem-
11 po, pra mim, uma coisa tão frágil, tão pequena, tão sem importância até
12 , eu diria, no sentido de magnitude, no sentido de tamanho, diante dess
13 a grandeza do universo todo, essa coisa da gente, de repente, de noite,
14 sentado embaixo da abóbada celeste, olhando as estrelas, quer dizer, o
15 sentimento que me parece...normalmente, se manifesta a partir de uma po-
16 stura de pasmo, de meditação diante da imensidão universal, e aí me vei
17 o a coisa do Gênesis, da idéia da criação do mundo em 7 dias...e eu ach
18 ei bonita a rima "a raça humana" com "a semana do trabalho de Deus" e f
19 icou aquilo na cabeça, durante vários dias - "A raça humana é uma seman
20 a do trabalho de Deus"...eu escrevi no papel, no meu caderno, essa coi-

1 sa, e um título, uma coisa, um epitáfio, qualquer coisa desse tipo e fi
2 cou ali aquela coisa cunhada e, depois, aí, um dia, eu disse: - Bom, es
3 sa coisa tem que sair, tem que ser uma canção e eu fui desenvolvendo o
4 sentimento dessa frase em vários outros versos e fiz uma canção pareci-
5 da com o mesmo ritmo do "Extra", com o mesmo balanço do "Extra" e, daí,
6 resolvi dar o título do disco "Raça Humana" e daí veio essa unidade. Ac
7 chei bonito, achei interessante.

8 CECILIA - E você acha mesmo que Deus fez mesmo o mundo em 7 dias, em um
9 a semana?

10 GIL - Não, não sei, necessariamente, acho que não, não sei nem, não ach
11 o nem que Deus faça coisas, não acho que Deus...Deus não é um fazedor,
12 não acho nem que Deus é alguém...(rindo). Não acho nada disso, mas eu a
13 cho essa metáfora bonita, eu acho, poeticamente, essa coisa bonita, ess
14 a idéia de que, no vazio do tempo, digamos assim, quer dizer, nesse bo-
15 queirão imenso, nesse corredor interminável do tempo e nesse salão sem
16 paredes do espaço, de repente, num momento qualquer, ou a partir de um
17 momento qualquer, começaram a surgir essas coisas, estrelas, o mundo, s
18 óis, bactérias, seres, plantas, planetas, essas coisas começaram a sur-
19 gir e, no meio disso, o homem. O Gênesis é, digamos assim, uma das metá
20 foras que o homem tem, uma das peças descritivas dessa concepção, uma c

1 oncepção sobre essa concepção divina, que eu acho muito bonito, o Gên-
 2 sis, e tudo, que é essa história de Deus ter feito o mundo em uma sema-
 3 na, em 7 dias, e ter descansado no último... (risos), eu acho isso engra-
 4 çado, bonito, essa antropomorfização, essa personalização de Deus como
 5 um agente humanizado, como um homem, um ser, quer dizer, que fez as coi-
 6 sas, conscientemente, como se ele tivesse braços e dedos, e ele tivesse
 7 argamassado toda essa coisa, tivesse pegado no barro do universo e mold-
 8 ado essa coisa chamada o mundo... Eu acho razoável que se possa pensar e
 9 m termos assim, porque, já que a gente tem que pensar de alguma forma,
 10 já que a gente tem que se interrogar sobre essa coisa, sobre a criação,
 11 as imagens, o mundo imagético, sobre essa criação, tem que surgir dessa
 12 interrogação e essa forma do Gênesis é uma forma que me parece muito bo-
 13 nita, essa coisa de Deus ir fazendo um dia as estrelas, um dia isso, ou-
 14 tro dia aquilo, até que um dia ele fez o homem e, depois, fez a mulher...

15 CECILIA - Na letra dessa música "Raça Humana", é... a impressão que se t-
 16 em é que você decifrou um enigma. É como se os seus quarenta e poucos a-
 17 nos fossem reduzidos a um flash, um hexagrama...

18 GIL - É... acabei de falar isso...

19 CECILIA - Você, por um acaso, viu o mapa da mina na palma da tua mão?

20 GIL - É, eu acabei de falar, de fazer um discurso longo... que é um pou-

1 co sobre isso. É, realmente, um flash poético, profundo, com toda essa
2 carga de sentimento existencial, de dúvida, de questionamento, quer di-
3 zer, um flash como esse nos leva pra distâncias imensas, em termos de i-
4 nquirição, de auto-inquirição, de auto-questionamento sobre o que a gen-
5 te é mesmo e etc. Aliás, essa parte sobre a palma da mão, eu escrevi em
6 Israel, num dia, depois que eu tinha chegado de Jerusalém, que é uma cid-
7 ade - que por razões óbvias, tão conhecidas da gente - é uma cidade mu-
8 to imantada, muito impregnada desses sentimentos sobre a divindade, etc
9 , a cidade de todo o drama do Cristo e essa coisa toda...e eu cheguei n-
10 o hotel e...eu já tinha escrito, a canção existia antes, mas eu não ach-
11 ava que ela tinha...ela não ia bem ainda onde eu queria ainda, então, e
12 u refiz duas estrofes lá em Israel e essa, por exemplo, de "a raça huma-
13 na é o cristal de lágrima/da lavra da solidão/da mina cujo mapa/traz na
14 palma da mão", foi uma coisa que apareceu lá. E é um pouco uma coisa so-
15 bre o homem, não é uma coisa sobre mim, pessoalmente, essa estrofe, na
16 verdade, não é pessoal...toda a música é sobre a raça humana, não é mu-
17 to sobre a minha individualidade, o específico, o esquisito, o particu-
18 lar da minha pessoa, não, é uma coisa sobre essa coisa de existirem os
19 seres humanos todos, e essa coisa da "mina cujo mapa/traz na palma da m-
20 ão", é essa coisa da...como é que se chama...quiromancia? Como é que ch

1 ama essa coisa de ler mão e de que a gente traz o destino, que tá tudo
2 escrito na palma da mão, como estaria também no lóbulo da orelha, né?
3 Essas coisas desses mistérios, dessas para-ciências que tem por aí, to
4 da essa coisa do mundo do ocultismo, do universo, do que Caetano chama
5 obscurantismo e que eu não sei se chega a ser tanto...tanto...(rindo).

6 CECILIA - Ainda nessa letra, você fala da "Grande Síntese". É uma coin
7 cidência ou é uma citação ao livro do Pietro Ubaldi? E qual a importân-
8 cia desse livro pra você?

9 GIL - Gozado, é um batimento, como eu diria assim, poético; é uma coin
10 cidência e é um propósito, porque eu li "A Grande Síntese" do Pietro U
11 baldi e li outros livros. Eu acho Pietro um...o trabalho dele, uma coi-
12 sa gigantesca e profunda e me entusiasmei muito. Já faz mais de dez an
13 os que eu tomei contato com as coisas dele e eu adorava tudo o que lia
14 dele, gostava e me identificava com aquilo tudo e, de repente, no sequ
15 enciamento dos versos, eu tive que me deparar, eu vinha com aquela coi
16 sa é...proparoxítona, né, de Gênesis, não é...Proparoxítona ou oxítona?

17 CECILIA - Não entendo nada de português... de regras...

18 GIL - Essa coisa, as palavras acentuadas na primeira sílaba e que vinh
19 a, né, desde Gênesis, parêntesis e oásis, essas rimas...

20 CECILIA - Que, aliás, é rima de quem sabe, né?

1 GIL - (rindo)...E aí eu, de repente, eu disse: meu Deus, qual é uma ou-
 2 tra palavra...síntese e aí "A Grande Síntese" e aí me veio, claro, ló-
 3 gico...o Gênesis é a grande síntese de Deus fazendo tudo em 7 dias, o
 4 mundo em 7 dias, é a grande síntese...E aí, me lembrei de Pietro Ubaldi
 5 e, aí, fiquei contente de ter conseguido pescar essa coincidência...e p
 6 or aí ficou sendo uma coincidência e um propósito, porque no momento qu
 7 e eu escrevi eu me lembrei dele.

* VEJA FIM DA ENTREVISTA.

8 CECILIA - Humm...no momento que eu tive assim...uma noção maior do todo
 9 desse trabalho, eu pensei assim...é um pouco como uma coisa como se fos
 10 se um hai-kai: o que é o que é verde por fora e maduro por dentro. Isso
 11 , assim, no sentido da forma desse disco ser super-pop e, o conteúdo, s
 12 uper-maduro, sábio. Eu queria que você, eu quero que você fale da sua r
 13 elação com o tempo.

14 GIL - Eu tô...eu me sinto...é assim como você falou. Acho que esse hai-
 15 kai, ele se aplicaria muito ao sentimento que eu tenho da minha trajetô
 16 ria de existência, da minha trajetória no mundo e como eu me vejo no mu
 17 ndo. Eu sou uma pessoa que me sinto, hoje, assim, cada vez mais verde p
 18 or fora, nesse sentido de que eu fico menos preocupado com o sentido de
 19 uma sofisticação é...estética, de um...de trazer para o meu trabalho a
 20 contribuição desses chamados "aprofundamentos", das formas, quer dizer,

1 eu fico cada vez mais ligado, realmente, ao que é...minha música é cada
2 vez mais uma música...mais uma música simplória, simples, ligada aos st
3 andards, às coisas normais que existem por aí, é...ao simples samba, ao
4 simples rock, ao simples baião, as coisas assim e, ao mesmo tempo, é...
5 também os meus versos ficam mais simples, o vocabulário que eu uso é um
6 vocabulário cada vez mais simples e tal mas, na verdade, o que eu tento
7 expressar é, cada vez mais, a luminosidade de lá do fundo da minha alma
8 , quer dizer, de lá do fundo...é cada vez mais profundo, nesse sentido,
9 o que eu quero dizer.Não sei se é o que vai ser entendido, mas o que eu
10 estou querendo dizer, por exemplo, nesse disco, é mais profundo do que
11 eu tenha tentado até hoje em qualquer outro disco, quer dizer, e, nesse
12 sentido, se aplicaria exatamente, eu teria...eu veria a minha relação c
13 om o tempo assim, desse jeito. Eu tô cada vez mais simples por fora e m
14 ais complexo, mais complicado,por dentro. E o trabalho revela muito iss
15 o. E não no sentido...não que essas duas faces, esses dois instantes da
16 minha alma...o instante exterior e o instante interior fossem até mesmo
17 antagônicos ou conflitantes, não, eles são até mesmo, cada vez mais, é.
18 ..necessariamente existentes um para o outro. É preciso que eu seja mai
19 s simples por fora, pra que minha complexidade interior se revele ínte
20 gra pra mim mesmo, quer dizer, pra que eu mergulhe, cada vez mais, gos-

1 tosamente, no meu próprio mistério. Eu me vejo assim...então, eu sou um
2 a pessoa assim, que me sinto cada vez mais simples por fora e, como que
3 m cala, como quem diz assim: Psii...ah, eles não sabem como eu sou com-
4 plicado aqui por dentro (rindo)...

5 CECILIA - Você fala, nesse disco, você fala assim da fé, do amor, de co-
6 isas bastante positivas e, ao mesmo tempo, diz que não se ilude, que nã-
7 o restará nem pensamento. Eu queria que você falasse um pouquinho dessa
8 contradição...

9 GIL - É aquela coisa, é um pouco falando, é a mesma coisa que quando vo-
10 cê me perguntou sobre Deus, se eu achava que Deus, que havia verossimil-
11 hança na descrição do Gênesis, se eu achava que Deus tinha feito mesmo
12 o mundo em 7 dias e eu falei que não sei nem se eu posso pensar em Deus
13 como um agente ou como uma pessoa, como uma personalização, e etc, e et-
14 c...Ah...essa coisa que você, como é que você falou o...

15 CECILIA - ...das coisas que você fala, que são bastante positivas, da f-
16 é e do amor e, ao mesmo tempo, você diz que não se ilude, que ninguém s-
17 e iluda...

18 GIL - É...é...nessa música, essa coisa da possibilidade de extinção da
19 raça humana é válida no mesmo...é uma questão da mesma qualidade, desse
20 ceticismo, digamos assim, que eu teria com relação a Deus, ou seja, Deu

s, tanto faz que ele exista, assim pessoalmente, ou não, quer dizer, tanto faz que seja possível o encontro físico ou espiritual com Deus, ou seja, tanto faz que seja possível a visão de Deus, quanto não ser possível tudo isso...tanto faz. Ainda assim, quer dizer, tanto faz que ele tenha feito tudo isso, que ele exista e tenha feito tudo isso, quanto que ele não exista e não tenha feito tudo isso, ou seja, tanto faz...e é a mesma coisa, a raça humana e, nesse sentido...quer dizer, tanto faz que essa nossa conformação, quer dizer, estarmos aqui, sermos gente, termos vindo de pais, sermos pais de outros, termos sido resultado da procriação e termos o impulso de procriar, ou seja, termos esse sentimento do eterno, pensarmos na possibilidade da duração eterna...até para nós mesmos, indivíduos, quanto mais ainda para a raça toda; quer dizer, um pouco tanto faz que a gente tenha isso ou tanto faz que permaneçamos ou não...quer dizer, no fundo, é como a música diz: "Não me iludo, tudo permanecerá do jeito que tem sido,/transcorrendo, transformando tempo e espaço", não é?,"navegando todos os sentidos". Então, é um pouco essa coisa da redutibilidade, quer dizer, temos todos que nos conformamos a esse sentido redutível da vida, quer dizer, a vida pode se reduzir a, simplesmente, a tudo ou a nada, quer dizer, a isso que é ou a alguma coisa que venha, de um certo modo, negar absolutamente isso, como por exe

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

1 mplo, o desaparecimento da raça humana e dando lugar a que. A uma grand
2 e interrogação, que a gente não pode nem especular a respeito. Então, e
3 ssa música "Tempo Rei" é um pouco sobre essa coisa.

4 CECILIA - Ahm...Gil, dizem que quando a gente sente inveja de alguém e
5 fala pra essa pessoa, a inveja é positiva e, quando a gente não fala, e
6 la é negativa. Você sente inveja de alguém? E quando, se você já sentiu
7 , você disse ou você guardou?

8 GIL - Não, eu digo...Na verdade, o que eu...quando eu sinto inveja - e
9 eu sinto com muita frequência - e, muito especialmente, no que diz resp
10 eito à criação artística, porque é onde eu...onde o meu ser se manifes-
11 ta mais claramente e, portanto, é onde ele se confronta também mais cla
12 ramente com o resto, com o ser do universo e o ser das outras pessoas...
13 e quando eu tenho esse tipo de inveja, em geral, ou eu manifesto tipo d
14 izendo - mas como eu tenho inveja disso...ou como eu tenho inveja dessa
15 pessoa...ou então, é sempre em termos de constatar, digamos assim, a mi
16 nha inferioridade diante daquela pessoa, quer dizer, o avanço que eu ve
17 jo, o "gap" que existe, quer dizer, o desnível entre eu e aquela pessoa,
18 entre a minha canção e aquela canção que eu tenho...que eu invejo...en-
19 tre uma atitude minha e a atitude de uma pessoa, a atitude que eu invej
20 aria...Uma das pessoas, por exemplo, que eu invejo, profundamente, é Ca

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

etano, todo mundo sabe disso. Porque eu acho ele o máximo e, como eu acho ele o máximo, eu, portanto, não sou o máximo, ele é que é o máximo.. eu não sou, então,..(rindo)...que eu gostaria de ser...então, ele fica assim, como exemplo de alguém que eu gostaria de ser...e exemplo das atitudes que eu gostaria de tomar...exemplo das coisas, de alguém que faz as coisas que eu gostaria de fazer...Eu tenho muita inveja, muita, sempre tenho e eu gosto sempre de ver, nessa inveja, alguma coisa de santa, alguma coisa de positivo. Eu acho que quem não tem inveja de ninguém, tá morto, né...não tem a possibilidade de sentir inveja, não tem parâmetros, é uma pessoa que vive sem parâmetros, é uma pessoa que não...eu daria até que não tem uma estrutura moral. Uma pessoa sem possibilidade de sentir inveja, é uma pessoa sem estrutura moral nenhuma, não é, eu acho (rindo).

CECILIA - Você acha que o fato de você ser preto, hoje, dificulta ou facilita, o seu trabalho?

GIL - Ah, gozado isso...por exemplo, no que diz respeito assim, a toda uma coisa desenvolvida mais recentemente, nos últimos anos, que é o meu trabalho no exterior, a coisa de Europa, e etc, eu acho que o fato de eu ser preto facilita muito. Aliás, um dia desses, eu conversei sobre isso com Guilherme Araújo, sobre essa coisa de que, por exemplo, facilita

1 no sentido em que na França, na Itália, na Inglaterra, nesses lugares,
2 é...nas grandes matrizes colonizadoras, coloniais, da Europa e tal, tu-
3 do o que é do mundo que foi colonizado por eles, hoje em dia, a coisa d
4 a volta do cipó de arueira no lombo de quem mandou dar, parafraseando o
5 ...Geraldo Vandré, é uma coisa que encanta, que representa uma atração
6 muito grande...então, um preto, do terceiro mundo, fazendo uma música t
7 ropical, exuberante, etc, é uma coisa muito interessante pra eles, essa
8 coisa de resgatar, o sentimento de resgate de tudo isso, pra eles, é um
9 sentimento muito profundo e, nesse sentido, facilita muito; por exemplo,
10 é mais fácil fazer sucesso fazendo a música que eu faço hoje, na Europa,
11 sendo preto, do que não sendo preto, eu acredito. Pode ser uma ilusão,
12 uma coisa absurda, mas eu acredito que há...é...uma certa...justificati-
13 va nisso que eu tô falando. Com relação ao Brasil, eu já não vejo a coi-
14 sa assim e também não vejo...não vejo peso maior, não vejo...esse elemen
15 to racial como uma questão...é mais facilitante ou dificultante do tra-
16 balho, isso porque o Brasil é um país onde nas artes, e etc, nos esporte
17 s, quer dizer, nas atividades catalizadoras da popularidade, quer dizer,
18 nessas coisas massivas todas, o preto já tem um lugar...mais ou menos im
19 portante, abstraídas as dificuldades na trajetória, no processo históri-
20 co da conquista desses espaços, quer dizer, o fato é que, hoje em dia, e

1 le tem...se você for ver o número de artistas, cantores, compositores n
2 egros, é um número bem razoável no Brasil, os ídolos, os...quer dizer,
3 tem alguns ídolos brasileiros que são negros. Existe...uma simpatia na-
4 tural do povo brasileiro que, de resto, é um povo com uma percentagem d
5 e negros muito grande, né...de negros e mulatos. A população brasileira
6 é uma população com uma presença negra muito forte. Então, é natural qu
7 e os artistas negros sejam, simplesmente, bem recebidos e benquistos. É
8 ...ressalvados, evidentemente, os critérios de valor comparativo entre
9 isso e aquilo, entre aquele e outro. Mas, em tese, no geral, não há ess
10 a questão muito...forte no Brasil, pra mim. B, no exterior, eu acho que
11 tem ajudado o fato de ser preto...(rindo).

12 CECILIA - Você tem raiva ou inveja, ou já teve vontade de ser branco?

13 GIL - Eu...às vezes, eu não me lembro direito...Sem dúvida alguma, eu t
14 ive, sem dúvida alguma, eu tive...é...dificuldades com ser preto. Agora
15 , alguém pode dizer: mas isso já implica, necessariamente, no fato...se
16 você teve problemas em ser preto, se você refeitou, em algum momento, o
17 fato de você ser preto, isso já é...já quer dizer que você queria ser b
18 ranco. Se é assim, leitura feita desse modo, eu já teria tido vontade d
19 e ser branco. Mas, assim, a lembrança de um momento consciente, onde a
20 minha voz interior tenha me dito - Ah, como seria bom se eu fosse bran-

1 co...ah, que vontade que eu tinha de ser branco...Eu nunca tive, na ver
2 dade. Por outro lado, por exemplo, foi recorrente, durante muitos anos
3 na minha vida, um sonho de ter cabelos lisos...eu sonhei durante muitos
4 anos...era um sonho que eu tinha com muita frequência quase que todo m
5 ês, às vezes, até mais de uma vez por mês, eu sonhava que eu tinha cabe
6 los lisos e que eu me deparava, me defrontava, de repente, num espelho,
7 com os cabelos lisos e aquela surpresa...era uma surpresa gratificante,
8 era uma coisa muito prazerosa, o fato de constatar que, de repente, eu
9 tinha cabelos lisos. Isso também pode ser...

10 CECILIA - Você sonhava que era branco, né?

11 GIL - Não, eu não era branco. Eu era preto, mas tinha cabelos lisos (ri
12 sos).

13 CECILIA - Ok, é...você se acha bonito?

14 GIL - Às vezes, sim, às vezes, não. Eu sou muito narcisista...é...difi-
15 cilmente, eu passo em frente a um espelho sem me olhar e, no sentido...
16 me olhar para me ver e para me pesquisar, para me checar, para ver onde
17 é que estão as coisas e como estão as coisas. Como é que tá o nariz, co
18 mo é que são os olhos, como é que tá o cabelo, como é que tá a boca, co
19 mo é que tá o corpo, tá a barriga. Cuido muito, não gosto de engordar,
20 pra me manter esbelto, porque eu acho...porque fui gordo muito tempo e

1 tive muita vontade de emagrecer, emagreci, achei, sempre achei que o ma
 2 gro é mais bonito do que o gordo, então, fico cuidando de não engordar,
 3 tenho essas coisas todas...sou muito vaidoso, nesse sentido. É...e iss
 4 o, eu acredito que já é indício de uma...pelo menos de uma vontade mui
 5 to grande de ser bonito, que acaba, quer dizer, isso...com certeza, eu
 6 sempre tive muita vontade de ser bonito. O que acabou me impulsionando
 7 para atitudes...que me levassem a um embelezamento. Porisso eu fiz ioga
 8 durante um tempo, porisso eu fiz macrobiótica, porisso que eu sempre me
 9 preocupei...eu mudei, eu tinha um corpo que eu não gostava, eu tentei a
 10 jeitar o corpo, eu sempre tentei me embelezar...Então, uma pessoa que t
 11 enta se embelezar é porque já tem a dimensão da beleza, não é? De algu-
 12 ma forma, ligada a si...a ilusão da beleza existe pra mim sim, sem dúvi
 13 da alguma.

14 CECILIA - Você acha que sexo é a coisa mais importante da vida, é...e q
 15 ual o peso dele na sua vida, hoje?

16 GIL - Eu não sei se...é...eu não...eu não...eu tenho impressão...que...
 17 pode ser que o sexo seja uma das coisas mais importantes da vida...eu n
 18 ão diria importante, mas acho que é...ele é...uma das coisas mais neces
 19 sárias, é uma das grandes necessidades, isso é que eu acho, porque há u
 20 ma diferença muito grande entre o que é necessário e o que é importante.

1 Importante até...eu acho...outras coisas eu acho que...o ascetismo, tra
 2 nsmutado, digamos assim, em grandes ações, em grandes criações, etc, at
 3 é seja mais importante do que a simples...o simples...é...deitar-se, es
 4 praiar-se na...seara do prazer sexual...Agora, por exemplo, os grandes
 5 realizadores em vários campos, heróis, santos, poetas, místicos, filósofo
 6 fos profundos que foram ascetas, que...que foram abstinentes e tal...co
 7 isas desse tipo, que tiveram uma vida sexual zero...ou pouco acima de z
 8 ero e tal, até podem ser vistos como...podem ser vistos como tendo resu
 9 ltado pessoas mais importantes, a vida deles...essa recusa do mundo da.
 10 ..sexualidade profunda, absoluta, acabou dando a eles a possibilidade d
 11 e fazer coisas mais importantes.

12 CECILIA - De ter outros...outros tipos de orgasmo, que não o físico?
 13 GIL - É...eu sei lá, talvez...exatamente isso, mas o fato do sexo físico
 14 o mesmo, quer dizer, o prazer do sexo, do encontro sexual com o parcei-
 15 ro e essa coisa toda, essa coisa de se esparramar, de se deitar, de se
 16 deixar levar pela correnteza do prazer da sexualidade, que é uma coisa
 17 muito pouco criativa, no sentido do outro, dos outros, no sentido dos r
 18 eflexos que isso possa ter, do resultado, do resíduo que isso deixa...
 19 para o mundo circunstante. Por outro lado, isso é uma coisa muito impor
 20 tante...pra individualidade, quer dizer, profundamente criador para a i

1 ndividualidade. Um dos...momentos, um dos períodos mais é...profundos,
2 que eu tive na minha vida, foi o período, foi o período que eu tive, a
3 ssim, um apogeu de sexualidade, que foi, exatamente, quando eu encontr
4 ei Flora, que foi assim, pelo menos que eu me recorde, a pessoa com qu
5 em eu tive mais prazer até hoje, com quem eu tive assim mais aprofunda
6 mento do que seria esse sentido da sexualidade física e, no período qu
7 e nós nos conhecemos, nós nos encontramos, foi o período assim mais gr
8 atificante da minha vida, mas, absolutamente solitário, porque, porque
9 é uma coisa que só ficou pra mim, não é...não resultou pra mais ninguém
10 m. Talvez, indiretamente, aqui, ali, em alguma coisa, em algum verso (r
11 risos)...em alguma coisa que eu tenha dito, que eu tenha feito.Mas, na
12 verdade, isso é aquilo que a natureza deu a cada um, é a possibilidade
13 da...grandiosidade, da grandeza para cada pessoa, quer dizer, o sexo é
14 o grande fator...é a grande alma da democracia. É aquilo que todos po
15 dem...é a única coisa que todos tem a possibilidade, pelo menos potenc
16 ial, de ter, profundamente, quer dizer, de...realizar a grandeza profu
17 nda, é no sexo. Então, eu acho que, nesse sentido, eu acho que...talve
18 z seja, realmente, a coisa mais importante. Para um homem, individualm
19 ente. E mesmo...e aí já vem a maluquice necessária a tudo na vida...e
20 é como você citou: mesmo as transmutações, digamos assim, da sexualida

1 de em outras coisas, ainda poderiam ser vistas como sexualidade, quer d
2 izer, os êxtases possíveis, de tantas outras formas, ainda podem ser vi
3 stos como sexo também, quer dizer, aquela coisa de Santa Teresa de Ávi-
4 la, que tinha orgasmos com Deus, e...aquela coisa toda...quer dizer, é
5 sexo também, quer dizer, sei lá quantas maneiras de tradução da sexuali
6 dade seriam possíveis...

7 CECILIA - É porque a psicanálise diz que o sexo físico, quem gosta é ho
8 mem, que mulher não gosta de trepar...

9 GIL - Hummm...

10 CECILIA - ...e que quando o homem quer...quer essa coisa muito intensa-
11 mente, ele quer outro homem na cama...

12 GIL - É...tudo isso são leituras racionalistas, já, porque...tudo bem,
13 isso já é a inteligência humana especulando a respeito desses mistérios
14 , que eu prefiro, de uma certa forma, fazê-los permanecer mistérios, po
15 rque eu acho que...que a grandeza deles fica intocada, quer dizer, fica
16 ...eu acho, por exemplo, quando você começa por aí, seja pela psicanáli
17 se, seja por onde for, a dissecar as coisas, a tentar desmembrar esses
18 corpos inteiros desses mistérios, a gente...tudo bem...a gente pode en-
19 riquecer muito o conhecimento sobre a coisa toda, mas a gente perde a i
20 nteireza, perde o...corpo, quer dizer, pra mim, por exemplo, eu prefiro

1 que o sexo continue sendo mistério e que eu não saiba direito onde é...
2 como é que essa coisa se coloca, nem para o homem, nem para a mulher. E
3 u prefiro...prefiro continuar...

4 CECILIA - Instintivo, animal...

5 GIL - ...elegendo a busca do orgasmo como a coisa mais importante, tá e
6 ntendendo, tanto para o homem quanto para a mulher. Não importa se eu p
7 reciso mais disso do que a minha parceira, do que a minha mulher, o fa-
8 to é que...o importante é que eu tenha aquele gozo profundo e que ela t
9 ambém tenha, pelo menos, a ilusão de que...

10 CECILIA - É super-egoísta, né, essa coisa de sexo...

11 GIL - Talvez o que a psicanálise queira dizer é isso, é de que o homem
12 realmente tem prazer e a mulher tem uma ilusão de prazer. Então, tudo b
13 em, se ela tem uma ilusão de prazer, é ótimo.

14 CECILIA - Problema dela...

15 GIL - É...o importante é que a ilusão de prazer dela é...seja o resulta
16 do de um ato e de um fato igual à minha sensação real de prazer, então,
17 no fundo, estamos iguais, quer dizer, eu tenho um prazer real e ela tem
18 ilusão de prazer, mas os dois se encaminharam para as duas coisas pela
19 mesma razão, pelos mesmos propósitos, pelo mesmo tipo, ou seja, por ess
20 a coisa que a gente chama de amor, que a gente chama de afeto, que a ge

nte chama de atração, quer dizer, isso é que importa. Eu sou uma pessoa
que tô muito...no fundo, no fundo, eu sou uma pessoa que não preciso, eu
não sou muito iluminista nesse sentido, eu não...os grandes mistérios
da natureza, os grandes mistérios da vida, os grandes mistérios da exis-
tência, eu me conformo a eles... na dimensão do mistério, de uma forma
muito tranquila. Eu os quero mistério, mesmo, mesmo... eu fico muito co-
ntente que eles sejam mistérios, eu não... não tenho nenhuma necessida-
de de desvendá-los em quanto mistérios, pelo contrário, quero que eles
permaneçam mistério mesmo.

CECILIA- OK. Como é que você encara o fato de ter que trabalhar muito,
pra sustentar seus filhos e suas ex- mulheres, já que eles são muitos?

GIL- Eu vejo, cada vez mais, com aquela postura adulta e até careta de
que são as responsabilidades do homem maduro, são as responsabilidades
do homem que age, que fez coisas na vida, que tem que se responsabiliza-
r pelas consequências de atos e tudo. Enfim, eu tenho uma visão muito
kármica dessa coisa. Eu acho que é isso mesmo, como diz a música do Rit-
chie- "Trabalhar é de lei" (risos), então...

CECILIA - Eu ia te perguntar isso mais na frente...

GIL - Também eu acho que é essa coisa...trabalhar é de lei...é resulta-
do, é consequência, é decorrência disso tudo. Além do mais, hoje em dia

1 , nesse mundo super-populado e onde as massas trabalhadoras são quem
2 se que a totalidade dos seres vivos do planeta, esse negócio de tra-
3 balhar muito nos dá muita sensação de solidariedade, muita sensação de
4 participação da raça humana, de...sabe, de estar junto, de ser igual, é
5 muito o sentido igualitário de cidadão, de ser vivo, participante da
6 vida produtiva do planeta e tal. Essa coisa de trabalhar demais, de uma
7 certa forma, nos dá muita...nos invadece. A mim, pelo menos, me dá essa
8 sensação. O cansaço do final do dia, depois de ter feito muita coisa.
9 ..me dá uma sensação assim boa, aquela coisa de que você tá valendo o d
10 inheiro que você ganha, tá entendendo? Aquela coisa de você...você não
11 se sente lesando ninguém, você não se sente parasita ou qualquer coisa
12 desse tipo...

13 CECILIA - Você se sente digno.

14 GIL - É, é uma coisa dignificante, no fundo. É isso. Você se sente assim
15 digno daquilo, do nome que você tem, ou seja, tudo que o trabalho lhe
16 traz como resultado acaba sendo dignificante...porque...é contabilizado
17 pelo seu ser, a contabilidade do seu ser registra aquilo. Então, você fica
18 rica...

19 CECILIA - Fica um arquivo enorme...

20 GIL - É...grande...você, é uma sensação de produtividade, de...

1 CECILIA - Ainda sobre isso, é...o seu sexto filho tá estourando agora
2 em 85. É...você...é esse o seu sintoma? Quer dizer, você acha que é ká
3 rmico, mesmo, essa coisa de mais um filho...

4 GIL - Eu acho...eu acho...eu acredito em karma, porque karma é realida
5 de, karma é ação, né, há várias maneiras de explicar a palavra karma..
6 e karma é isso, é um resultado de um jogo existencial, do fato de você
7 ter nascido e ter sido...e vingado, e ter crescido e se civilizado e t
8 er entrado na sua...e ter vida e se tornado membro da sociedade e ter
9 participado do modus social, de alguma forma. E aí, as consequências v
10 êm todas: você ama, você sofre, você faz o outro sofrer, você...e tudo
11 isso é karma, é a roda da vida, é o...é essa coisa toda. E esse, o...s
12 exto filho, é isso.

13 Até, engraçado, que quando eu era menino, menino mesmo, 10 anos de id
14 ade, os primeiros ventos da vida adulta, os primeiros sopros do sonho
15 de adulto, quando começaram, eu dizia mesmo, dizia pra meu pai e pra m
16 nha mãe: - eu quero ter 6 filhos, então...já...

17 CECILIA - ...assunto encerrado...

18 GIL - (rindo)...assunto encerrado.

19 CECILIA - E o que você acha que deve ser, que deva ser a função do pai,
20 fora essa coisa socialmente rígida da sustentação material mesmo?

1 GIL - É difícil pra mim, esse sentimento sociológico da...figura do pai,
2 O pai deve ser isso, o pai deve ser aquilo...os deveres e não sei o que
3 ...eu acho que é muito...vai...a dotação é individual, eu acho que o do
4 te é individual, eu acho que cada pai é um pai, cada um veio pra ter um
5 a função. Há pais que precisam ser pais e mães, há pais que precisam se
6 r pais, mães e Deus para os filhos, há pais que precisam ser irmãos pa-
7 ra os filhos, há pais que precisam ser parentes distantes para os filho
8 s, há pais que precisam ser amigos dos filhos, há pais que precisam ser
9 inimigos dos filhos; eu acho que há pais que vieram...há vários tipos,
10 eu não sei qual...o que que é...quer dizer, onde é que está escrito, em
11 que lei, em que livro está escrito, quer dizer, o que é ser pai, eu ach
12 o que é uma coisa que vai se delineando, historicamente. É uma necessi-
13 dade, inclusive, é uma funcionalidade, a figura do pai, o pai é uma fun
14 cionalidade que vai se modificando conforme as épocas históricas...

15 CECILIA - Uma alquimia, né?

16 GIL - Exato, é uma alquimia. Quer dizer, há épocas históricas determina
17 das pelos padrões, digamos assim, pelo herdado, pelo que foram nossos p
18 ais, quer dizer, onde a gente vai ter...pelo sentido da inércia, quer d
19 izer, a gente vai continuar uma obra daqueles pais, a gente vai se repe
20 tir daquela forma, a gente vai passar pros filhos aquilo tudo - "olha,

1 meu pai foi isso, minha mãe foi aquilo", e a gente vai ser isso, vai se
2 r aquilo. Outras épocas históricas são mais revolucionárias, no sentido
3 de que elas aparecem pra quebrar mesmo certos compromissos com passado
4 e, de repente, os pais são diferentes, são outras coisas, passam a ser
5 diferentes pra os filhos, eu mesmo me sinto, hoje em dia, às vezes, eu
6 me analiso, eu sou, realmente, um pai...

7 CECILIA - É isso que eu queria saber...

8 GIL -...completamente diferente do que meus avós foram, por exemplo, pr
9 a meus pais, quer dizer, o sentimento que meu pai teve em relação a mim
10 e à minha irmã, a consciência dele em relação a ser nosso pai é...acho
11 que deve ser absolutamente diferente da minha consciência de ser pai da
12 Nara, do Pedro, da Maria, da Preta, da Marília.

13 CECILIA - E como é o pai e a mãe Gil?

14 GIL - ...dos...os meus pais?

15 CECILIA - Você, como pai e como mãe dos seus filhos...

16 GIL - Eu não sei, eu não sei não, eu não sei do meu desempenho, eu tenho
17 o muita dificuldade de julgar meu próprio desempenho nesse campo aí. Ma
18 s, pra me ver assim, pra ter um perfil, rabiscado, eu me vejo muito ass
19 im como amigo deles, eu...pelo menos hoje em dia, que eu já tenho uma m
20 enina, uma filha de 18 anos, uma de 17 e um filho de 14, que já é um ho

1 mem, porque já é grandão e já assume atitude de um homem, o Pedro, eu
2 me vejo... só pra você, pra dar um exemplo exatamente disso: outro dia,
3 na gravação desse disco, ele veio gravar e... e ficou aqui a noite toda
4 comigo... ele tinha que voltar, ele tinha escola no outro dia...

5 CECILIA - Veio gravar o que? Bateria?

6 GIL - É, bateria. E gravou, ficou aqui a noite toda e tal, de manhã, e
7 u fui levar ele pra casa, às 5 horas da manhã e tal... e na hora de sal
8 tar do carro, num impulso assim... irresistível, que veio, no meu cora-
9 ção, foi de agradecer a ele aquilo... como se fosse...

10 CECILIA - Uma outra pessoa qualquer...

11 GIL - Uma outra pessoa qualquer, um colaborador, um músico, o sentimen
12 to filial, nesse sentido convencional, sentimental, não apareceu naque
13 la hora. O sentimento foi assim, de um homem diante do outro; um ser hu
14 mano diante de um outro, uma pessoa diante da outra e a gente tinha aca
15 bado de... ele tinha vindo colaborar no meu trabalho e eu fiz: - oi, fi-
16 lho, muito obrigado; ele fez: - não, pai, obrigado a você. E saiu do ca
17 rro e foi embora e eu... é um pouco assim que eu tenho... com a Nara, eu
18 tenho muito esse sentimento. E à medida que eles vão crescendo, eu acho
19 , quer dizer, eu vou me desligando dessa... dessa atitude de...

20 CECILIA - Paternalista, mesmo...

1 GIL - É, de...sabe, de asas de galinha sobre os pintinhos, essa coisa.
2 ..eu vou ficando amigo deles, eu acho. Talvez...mas, evidentemente, qu
3 e essa é uma coisa toda pessoal, toda particular, toda para mim, é o p
4 próprio modo com que a minha vida se arrumou, como as coisas se arruma-
5 ram ao meu redor, que faz com que seja possível eu ser assim e ter essa
6 atitude com eles. Talvez outros pais não possam, por circunstâncias da
7 própria maneira com que a vida se encaminha e na relação entre eles e o
8 s filhos, não possa chegar a isso...a ter uma atitude como essa...

9 CECILIA - Alguns psicanalistas - eu falo muito em psicanálise porque es
10 se é o meu sintoma - defendem a tese de que o caráter só serve pra você
11 colocar uma expectativa muito grande em cima de uma pessoa e ela não co
12 rresponder a essa expectativa e, daí, se decepcionar. Como é que você l
13 ida com isso? Em relação a você e ao outro.

14 GIL - Querendo dizer que isso é o que se chama caráter?

15 CECILIA - Exatamente.

16 GIL - Caráter é em alguém aquilo que...o resultado de uma série de cois
17 as que formam um quadro de expectativas, quer dizer, em relação...eu nã
18 o sei...eu acho que caráter, em primeiro lugar, o caráter é uma coisa..
19 .a visão do caráter, o que a gente pode chamar a ponderação, o ponderá-
20 vel do caráter, no sentido peso do caráter, é uma coisa, em primeiro lu

1 gar, cultural - eu acho. É uma questão ligada aos graus de maniqueísmo
2 de cada grupo social, quer dizer, o que que é bem, o que que é mal. Co-
3 meça daí, o caráter de uma pessoa. Basicamente, quando a gente parte pa-
4 ra a análise do caráter, a gente parte com valores, com um sentimento d
5 e valoração, positividade e negatividade, quer dizer, é o mau caráter e
6 o bom caráter, eu costumo usar uma expressão hoje em dia, frequentermen-
7 te, junto aos amigos, o que eu chamo de caráter gelatinoso (rindo).

8 CECILIA - Flexível.

9 GIL - É, eu, por exemplo, me acho uma pessoa com caráter um pouco gela-
10 tinoso, outras pessoas têm um mau caráter, outras têm um bom caráter, e
11 não são, necessariamente, boas pessoas; existem pessoas que têm mau ca-
12 ráter e, por outro lado, em alguns aspectos, são boas pessoas, são pes-
13 soas até mais positivas do que... Por exemplo, o lado bom caráter meu te
14 m me levado, até certo ponto, em alguns momentos da vida, a uma perfor-
15 mance negativa, enquanto que o que eu poderia identificar como mau cará-
16 ter na minha formação, na minha pessoa, tem me levado, em alguns moment
17 os, a um desempenho positivo. Isso, talvez, até por causa da predominân-
18 cia do lado bom caráter em mim. Eu sou tão bom caráter, que isso acaba
19 se diluindo, isso acaba se tornando inerte.

20 O julgamento do caráter de uma pessoa acaba sendo uma coisa subsidiária